

Otto Lara Resende

**O RIO É
TÃO LONGE**

**Cartas a
Fernando
Sabino**

INTRODUÇÃO E NOTAS
Humberto Werneck

Copyright © 2011 by herdeiros de Otto Lara Resende
Copyright da introdução © 2011 by Humberto Werneck

Todos os direitos reservados

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Mariana Lara

FOTO DE CAPA

© Alécio de Andrade, ADAGP, Paris (1973). Cortesia do Instituto Moreira Salles

REPRODUÇÃO DAS CARTAS A FERNANDO SABINO

Coleção Otto Lara Resende/ Acervo Instituto Moreira Salles

PREPARAÇÃO

Léo Rubens

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Luciano Marchiori

REVISÃO

Huendel Viana

Jane Pessoa

Agradecimento especial ao Instituto Moreira Salles (IMS)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Resende, Otto Lara, 1922-1992

O rio é tão longe : cartas a Fernando Sabino / Otto Lara Resende; introdução e notas Humberto Werneck — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1993-6

1. Cartas brasileiras 2. Resende, Otto Lara, 1922-1992 — Correspondência 3. Sabino, Fernando, 1923-2004 — Correspondência I. Werneck, Humberto. II. Título.

11-12479

CDD-869.965

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|--|---------|
| 1. Cartas : Século 20 : Literatura brasileira | 869.965 |
| 2. Correspondência : Século 20 : Literatura brasileira | 869.965 |
| 3. Século 20 : Cartas : Literatura brasileira | 869.965 |
| 4. Século 20 : Correspondência : Literatura brasileira | 869.965 |

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
CEP 04532-002 · São Paulo · SP
Tel 11.3707-3500 · Fax 11.3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

P. 9

INTRODUÇÃO: O TAGARELA IMPENITENTE
Humberto Werneck

P. 15

LEMBRETE DO ANJO A FERNANDO SABINO
Otto Lara Resende

CARTAS A FERNANDO SABINO

Belo Horizonte, 1944-1945	p. 17
Bruxelas, 1957-1959	p. 25
Rio de Janeiro, 1964-1965	p. 195
Lisboa, 1967-1970	p. 261

P. 401

CRÉDITOS DAS IMAGENS

P. 403

ÍNDICE ONOMÁSTICO

LEMBRETE DO ANJO A FERNANDO SABINO

Fernando Sabino, o Demônio é uma árvore frondosa cheia de frutos maduros e doces. O Demônio dá sombra aos caminhantes fatigados, o Demônio, Fernando Sabino, dessedenta os que têm sede e dá de comer a quem tem fome. O Demônio é uma romã fresca e saborosa depois do sol e do cansaço. Deus, Fernando Sabino, é uma galhada seca e magra, onde os homens sangram as mãos para nada. Uma caveira no meio do pé da estrada é Deus, Fernando Sabino. Deus é um osso duro de roer. Deus, Fernando Sabino, é uma feira de dentes amarelos enfiados como em colar e passado no colo de um esqueleto esquecido de si mesmo. Fernando Sabino, o Demônio é uma macieira, o Demônio é alto, louro, simpático, tem olhos azuis e fuma cigarros americanos. Fernando Sabino, o Demônio tem poltronas, Fernando Sabino. O Demônio toma chá com torradas e tem varandas no flanco esquerdo e no flanco direito. Deus é cáustico e sem alpendre. Deus é uma caveira: PERIGO!

Otto Lara Resende
Rio, 24 de outubro de 1954
Noite

[À MÃO]

“Lembre-se, F. S.!”

Belo Horizonte, 6 de janeiro de 1944

Quando comecei a ler o seu conto. Não. Antes, deixe-me protestar contra a torpeza de me ter mandado o conto com as páginas todas fora de ordem, o que me foi uma verdadeira calamidade. Eu estava tão burro que li tudo fora de ordem e é verdade que achei meio estranho, mas como grande e estranho é o mundo, fui logo achando deliciosa a sua loucura.

Pensei logo, desde que o conto se passa nos Estados Unidos, na questão da cor local, da verossimilhança espacial que, é claro, deve existir em toda ficção, exceto na do Rubião,* que para isso teve licença especial do Dono do Arco-Íris. Mas logo acreditei, meio sombriamente, que você pode escrever contos que se passem nos Estados Unidos: me surgiram no inconsciente umas inevitáveis revistas americanas que seu irmão assina e você folheia, de sorte que esta questão foi logo liquidada. E ia lendo deliciado, com a imaginação feito um passarinho sorridente pousada no meu ombro direito, quando tudo se me tornou realidade concreta. Você mostrava conhecimento de Nova York, fala em “subway”, em “ticket”, em estações e gares, luzes etc. Mas o melhor, melhor mesmo, foi quando vi aquele detalhe: “Aquele multidão imensa, acotovelando-se apressada, na entrada do subway, descia rápida aos magotes”. Como! O quê, rapaz! Há de haver que o malandro estudou o ambiente primeiro, pois aos Estados Unidos ele nunca foi,** mas como conhece a cor local! Até detalhes! Eu jamais pensaria num detalhe assim, como esse de saber que a multidão para tomar o trem, ou subway, deve des-

* O contista mineiro Murilo Rubião (1916-1991).

** Só em 1946 Sabino iria conhecer Nova York, onde viveu até 1948.

cer... aos magotes! Sim, senhor! Eis aí os magotes, lugar por onde se toma o subway. E quase que eu durmo nessa doce ilusão. Somente à tarde é que dei pela história dos magotes, que não são, como eu esperava, nenhum hall dos subways, que desilusão, Senhor! Para onde o senhor vai? Who, me? I am going to the magott to get a train. Aos magotes: a multidão descia aos magotes...

Belo Horizonte, 19 de janeiro de 1944

É o diabo haver sempre gente disposta ao cinismo de ter vinte anos. E é uma impiedade carregarem a gente assim contra a vontade para não sei onde, para a nostalgia dos 43 anos. Mas eu vou fazer 23, pílulas! E a vida não se limita ainda pela morte porque há caminhos que talvez seja preciso recusar. De qualquer maneira, à nossa revelia, tudo vai se imobilizando no grânito dos compromissos e os amigos imperceptivelmente começam a usar chapéu-coco e já não admitem que lhes pegue pelo braço sem finalidade, apenas para “puxar angústia” ou para sobrenadar no balanço gostoso da conversa mole. Imperceptivelmente algumas coisas vão sendo surrupiadas, o vocabulário diminui e nem todas as palavras se dizem. Porque já não fica bem. Talvez 23 anos seja uma idade. Mas meu coração é um passeio público.

Belo Horizonte, 13 de julho de 1945

Não posso dizer que fiz uma ótima viagem. Você certamente já soube do desastre que sofremos. O Lúcio* teve uma intuição

* O romancista mineiro Lúcio Cardoso (1912-1968).

assombrosa e chegou até a escrever que haveria o acidente. Em Barra do Pirai o trem descarrilhou e atrasamos uma hora e quarenta. O maquinista voava para tirar o atraso e chegou a tirar grande parte. Quando chegamos perto de Arrojado Lisboa, um quilômetro antes da estação, foi aquele caos. Até agora não tive consciência exata do que se passou. Um trem é uma coisa que anda sobre os trilhos, sei que é, e não consigo então revolucionar esse conceito para compreender o que se deu: um barulhão dos diabos, tudo quebrado, a locomotiva e três carros tombados, engavetados, estrambelhados. Acho que foi filme de faroeste, sobretudo sabendo que estou vivo, sem um arranhão. Eram quase nove horas da manhã. Eu cochilava, pensando em coisas. Pouco antes, quase saí para ir ao lavatório, pois me chamaram para o café. Talvez eu já não pudesse estar escrevendo esta carta. De repente, não mais que de repente, o ruído, eu atirado em cima de uma mala, gritos, vidros quebrando, a madeira em estalidos. Tivesse a exata noção de que ia morrer, uma ideia súbita, de não existir no tempo. Calculei que nos precipitávamos sobre o rio, que corria logo à frente da curva. Mas o carro parou, tombado. Me levantei estupidificado, depois de gritar seguidamente Nossa Senhora, Mãe de Deus, Santíssima Virgem (como sou católico!), vi o Hélio,* que dormia pouco antes, de pé entre vidros e logo tive ideia de correr, de pular, de não sei o quê. “Hélio, você se machucou?” Ele só dizia, como quem acorda no susto = oi, oi, oi, indefinidamente. Espiei pela janela. Saltei pela janela, atravessei por debaixo de um vagão. Dois operários estavam espatifados de encontro ao barranco. As vísceras espirraram como baratas. A um meio metro do corpo de um, um coração inteiro, convulsionado. O sexo arrancado, extirpado, o fígado de um

* Hélio Pellegrino.

misturado às tripas. Estive olhando algum tempo, cinco minutos antes estavam vivos. Agora, era aquela pasta de morte. Me apalpei, percebi que eu também posso ser esmagado e tenho um coração que espirra para fora. Senti uma euforia estúpida de estar vivo, fiquei burro e coisa, insensível. A mulher de um dos que morreram apareceu, com duas crianças, uma levava marmitta de almoço para o pai. A coitada ficou sem lágrimas, reconheceu o marido pelas pernas, só o que restava de íntegro, ficou feito louca, gritando que o marido tinha morrido sem almoçar... Houve vários feridos, uma mulher atrás de mim foi atingida pelo ferro da poltrona, que penetrou numa perna, varou-a e entrou na outra, deixando-a umas duas horas imobilizada, perdendo sangue. Dois passageiros também do meu vagão ficaram presos entre os destroços, imprensados, e tiveram as pernas quebradas. Quase todos no carro se feriram pouco, nas pernas, na cabeça. Um ficou ridiculamente preso sob uma enorme mala. O Lúcio bateu com o queixo na poltrona da frente e o braço não sei onde. Ficou azul e todos os seus 37 demônios verdes funcionavam.

Belo Horizonte, 23 de dezembro de 1944

Nesta chatíssima questão de Minas, * você me coloca como o sujeito tipicamente sem caráter, que não quer perder os partidos, que quer navegar nas duas margens. Você me pergunta por que

* Alusão às reações, por vezes passionais, provocadas por um artigo que Vinicius de Moraes publicou em *O Jornal*, do Rio de Janeiro, em 5 de novembro de 1944, “Carta contra os escritores mineiros (Por muito amar)”. “Por que só olhais o mundo das janelas de vossas casas ou dos vossos escritórios?”, incitava o poeta. “Por que economizais e para quê: para comprar o vosso túmulo?”

escrevi ao Tristão.* Porque achei que devia e estou certo que devia mesmo, por nada mais. Estou burro para dizer o que quero, a mão está dura, mas continuo. Eu não vejo nenhuma atitude de subserviência na carta. Você aí vê demais, porque você quer me ver como você me imagina: aquele farrapo de fraquezas e conciliações, aquela miséria bem procedida que não quer ofender... Coitado do Otto! Um sujeito de certo talento, mas perdido, sufocado, abafado, emaranhado naquela falta de caráter, incapaz de atitudes claras e corajosas, como nós! Vós, os heróis, sim, vós sois os heróis. Olhe: não concordo com o que você disse do Tristão, acho besta e com ar de menino emburrado que quer se mostrar livre das exigências paternas... Desculpe se não concordo uma vez com você, vou dar um jeitinho para nos arranjarmos, não quero ofendê-lo, perdão, mil perdões. Que coisa, meu Deus! Meus parabéns pela sua superação genial. Você que era assim, está agora assim. Muito bem! É uma conquista, um progresso = e o progresso é natural... Você agora é o homem das atitudes claríssimas, só se compreende a você, só aceita a você mesmo, você é a verdade, ide a vós os transviados: que maravilha! Belo caminho aberto à incompreensão, à intolerância, ao narcisismo de bazar chinês... Me desculpe, eu é que estou com minha falta de caráter, sujamente querendo aceitar todo mundo, compreender todo mundo, abrir a todo mundo meus braços onde todo mundo cabe. É minha mania de ser humano, de querer compreender antes de julgar... Certamente sou ótima carne para vossas ferozes guilhotinas do mundo novo que virá e que se levantará sobre o sangue dos fracos e dos conciliadores. Pode passar, com sua banda de tambores argentinos, rufando piruetas e clarins: eu entro pra

* Tristão de Athayde, pseudônimo de Alceu Amoroso Lima.

casa meio desapontado, chupando o dedo feito menino bobo, de lágrima presa e coração esmagado. Fico à espera da vossa Gestapo que vai libertar o mundo dos inúteis. Adeus.

Belo Horizonte, 19 de agosto de 1945

Fico besta como morrem os personagens de Shakespeare, nem os passarinhos morrem com mais naturalidade, com mais simplicidade. Exeunt, esta palavra tem algo de misterioso e poético. Vede, o personagem faz um teatrozinho, é ferido (ninguém morre de cama, é tragédia!) e... morre. Morre assim nesta única palavra, dies.

O, I am slain! If thou be merciful
open the tomb, lay me with Juliet.
(Dies)

É ou não é formidável? Morrem numa palavra.